meu encontro com lacan

Marc Strauss em entrevista a Rosângela Corgosinho

doze anos de preliminares

O encontro com os textos de Freud deu-se, inicialmente, quando eu era adolescente, em Strasbourg. Como eu tinha um interesse muito forte pela psicanálise, eu planejava estudar a psiquiatria.

No fim do segundo ano de medicina, tendo ouvido falar da clínica de Laborde dirigida por Jean Oury, eu fui para lá como "monitor" durante minhas férias. Foi lá que eu escutei falar de Lacan pela primeira vez. Ao voltar, eu comprei o primeiro tomo dos *Escritos* de Lacan em coleção de bolso. Eu os abri e logo fechei... e esqueci.

No terceiro ano de medicina, o curso de psicologia médica era dado pelo professor Lucien Israël, psiquiatra e psicanalista lacaniano. É claro, ele falava muito de Lacan e de maneira muito fascinante.

Ainda em Strasbourg, eu comecei a fazer análise com um discípulo de Lacan, ao mesmo tempo que o meu estágio de estudante de psiquiatria no hospital. Comprei os *Escritos* na edição original do Seuil e tentei ler. Freqüentemente, eles saíram pela janela (eu morava no primeiro andar de um belo pavilhão com um jardim, no parque do hospital). Freqüentemente, também, eles foram bater na parede. O livro acabou por ficar em péssimo estado porque uma força misteriosa, irritante ao mesmo tempo, me fazia sempre voltar a ele.

Lembro-me muito bem da primeira vez que tive a impressão de que compreendia o que o texto me dizia. Era a expressão: "palavras de um outro, ditas para um outro, destinadas a serem roubadas por um outro". Isso era brilhante, genial, isso mesmo! Mas uma frase não faz um livro e, ainda com freqüência, os *Escritos* foram bater na parede.

Três livros (evidentemente eles se estragavam muito) e alguns anos de análise depois, eu decidi deixar a Alsácia e ir a Paris para continuar minha análise com Lacan.

o encontro

Tendo lhe escrito, como era o hábito em Strasbourg para marcar horário com um analista, e não obtendo resposta, eu

telefonei para a casa dele. É ele — Ele — quem atende! "Sim, meu caro, bom dia... estou me lembrando perfeitamente de sua carta. Então, você vai vir quando?" Em Strasbourg eram os psicanalistas que fixavam os horários, não chamavam seus analisantes de "meu caro" e tinham uma voz tão neutra, tão indiferente... Eu repito: "Marque um horário para mim". Ele: "Você vem quando?". Isso poderia durar um bom tempo... Proponho então sexta-feira de manhã. "Sim, é isso, você vem na sexta-feira de manhã... Ah não, não é possível... Sabe, na sexta-feira de manhã devo ir ao hospital [porque ele me diz isso? Isso não me diz respeito!]. Sim, bem, venha na quinta-feira de manhã. Estou dizendo quinta-feira (*je dis jeudi*) ...* você está me entendendo? *Je dis jeudi*... não é... *je dis jeudi*...".

A coisa estava se tornando engraçada: "Sim, eu entendi, você disse quinta-feira... enfim, você disse: '*je dis jeudi*'. '*Je dis jeudi*', não é?".

"Você me entendeu, até quinta." Ele desligou. Na quinta-feira, ele me acolhe: "Quanta gentileza sua vir me ver".

* Nota: *Je dis jeudi*: "Estou dizendo quinta-feira". Se partirmos a frase em francês, ela nos permite ouvir um jogo de palavras por homofonia, como se repetisse a mesma coisa: *Je dis... jeudi*, "Estou dizendo... estou dizendo".

a continuação

Adorável, sedutor, exigente, intransigente, angustiante em alguns momentos, tranqüilizador em outros, glacial algumas vezes, muito próximo também — imprevisível, sempre, extraordinariamente presente em todo instante.

depois

Um Lacan velho demais para poder permanecer muito tempo com ele.

Um resto ineliminável: ter encontrado uma determinação inflexível, sem concessão, "desumana" quando se tratava de psicanálise, quer dizer, do esforço em se aproximar da verdade. Inesquecível.